



INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR
Escola Superior de Tecnologia de Tomar

DEPARTAMENTO DE ARTE, ARQUEOLOGIA E RESTAURO

Curso de Licenciatura em Conservação e Restauro

DISCIPLINA DE ESTÉTICA I

(1º SEMESTRE)

5.º Ano Regime: Semestral

Ano Lectivo: 2004/2005

Docente:

Paulo Archer de Carvalho, Professor Adjunto Equiparado

Ramo da Licenciatura: Arte Lusíada

Carga Horária: 1 H T- 2 H T/P

Regime de Avaliação: Uma Frequência eliminatória de matéria e / ou Exame Final

Os Alunos dispensam de Exame final se obtiverem, pelo menos, 10 valores na prova frequência

PROGRAMA

2. Frequência da Cadeira, “objectivos” e sistemas de avaliação.

- 2.1. Discussão sobre “objectivos”, metodologias e procedimentos de participação no trabalho formativo da Cadeira. Participação contínua, em debate e participação agendada (exposição de trabalhos).
- 2.2. Discussão sobre sistemas de avaliação. Avaliação contínua, avaliação de frequência e avaliação final. Opção pelo modelo formativo-avaliativo integrador 1 Hora Teórica + 2 Horas Teórico-Práticas

4. O que é a Estética ?

Introdução. Aproximação à ideia de estética. Bibliografia crítica. 1 H T + 2 H TP

4.1. Diacronia e autonomia do conceito de Estética.

Pluralidade. Validade. Estética, História da Arte e Crítica 1 H T + 2 H TP

2.2.1. Experiência e teorização estética na Antiguidade Clássica.

A Harmonia e Ordem. A ideia de Belo. Do *Kaos* ao *Kosmos*. Imitação e Natureza. 1 H T

Referência aos grandes conceitos e textos enquadradores de PLATÃO e ARISTÓTELES 2 H TP

2.2.2. Experiência estética na Medievalidade e no Renascimento.

2.2.3. Breve referência a uma estética do Barroco. O maravilhoso H T + 2 H TP

2.3. Estética e Modernidade.

2.3.1. Da *Aestetika* de BAUMGARTEN (1750-1758)...

2.3.2. ... ao(s) conceito(s) de *Aesthesis* da Ilustração. O Cómico. O Irónico. O Sublime 1 H T + 2 H TP

2.4. A Estética como Hermenêutica.

1 H T + 2 H TP

2.4.1. O Idealismo alemão, o *humanismo* e os seus pressupostos: *formação*, *sensus communis*, *formulação de juízo (crítica)* e *gosto*. 1 H T + 2 H TP

2.4.2. A estética em HEGEL, SCHELLING e SCHILLER. A propósito da Ironia. 1 HT + 2 H TP

5. O Gosto ou a *compreensão* da experiência estética.

5.1. A experiência do Gosto.

3.1.1. O *Belo e o não-Belo*, Arte e não-arte. da criação ao criador. Re-criação. 1 H T + 2 H TP

5.2. O Gosto: uma linguagem do sensível.

1 H T + 2 H TP

3.2.1. Sensibilidade, corporalidade, inteligibilidade. 1 H T + 2 H TP



- 3.3. Pressupostos teóricos para a discussão do gosto: a *compreensão* do sensível 1 H T
 3.4. A *consciência* do Gosto. 2 H TP
 3.4.1. Sociedade, gosto, existência. A vida como *experienciação* estética. 1 H T + 2 H TP

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ARISTÓTELES, *Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2.^a, 1990.
- AROUX, Sylvain - (dir.), *Encyclopédie Philosophique Universelle,, Les Notions Philosophiques*, t. I, Paris, Presses Universitaires de France, 1990, art. "Esthétique", [858 e ss.], com extensa bibliografia temática.
- BAUDELAIRE, Charles, *Escritos íntimos*, Lisboa, Editorial Estampa, 2.^a, 1994
- BAUDRILLARD, Jean -, *The Vital Illusion*, trad. cast., *La Ilusión Vital*, Siglo Veintiuno, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean -, *Mots de Passe*, Paris, Pauvert, 2000, trad. cast., *Contraseñas*, Barcelona, Anagrama, 2002.
- BAYER, Raymond -, *História da Estética*, Lisboa, Editorial Estampa, col. Teoria da Arte, 1993.
- BENJAMIM, Walter - *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, intr. de T. W. ADORNO, Lisboa, Relógio d'Água, série Antropos, 1992.
- BOZAL, Valeriano -, (ed.) *Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas*, II Volumes, Madrid, Visor, col. La balsa de la Medusa, 2.^a ed. revista e aumentada, 1998.
- BOZAL, Valeriano -, *El Gusto*, Madrid, Visor, col. La balsa de la Medusa, 1999.
- BOZAL, Valeriano -, *Necesidad de Ironía*, Madrid, Visor, col. La balsa de la Medusa, 2000.
- DAMISH, Hubert "Artes", *Rnciclopédia Einaudi*, vol. III, [11-65], Artes-Tonal/Atonal, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- DAMISH, Hubert "Artista", *Rnciclopédia Einaudi*, vol. III, [66-90], *passim*.
- DELEUZE, Gilles -, *Lógica de sentido*, (IV e V séries e Apêndices), São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.
- FERRY, Luc -, *Homo Aestheticus. L'invention du goût à l'âge démocratique*, Paris, Grasset, 1990. Existe tradução portuguesa, prefácio de António Pedro PITA, Coimbra, Almedina, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg -, *Verdad y Método*, vol. I, Salamanca, Ediciones Sígame, 2000.
- GIL, José - *Metamorfoses do corpo*, Lisboa, A Regra do Jogo, Biblioteca de Filosofia n.º 4, 1980.
- HABERMAS, Jürgen -, "A entrada na Modernidade: Nietzsche como ponto de viragem" in [89-108] *O Discurso filosófico da Modernidade*, Lisboa, Dom Quixote, 1990.
- KANDINSKY, Vasili -, *De lo spiritual en el Arte* [1912], Barcelona, Paidós, col. Paidós Estética, 2003 (existe tradução portuguesa, Lisboa, Dom Quixote, 1991).
- LYOTARD, Jean-François -, *O inumano. Considerações sobre o tempo*, Lisboa, Estampa, 2.^a, 1997.
- LOURENÇO, Eduardo - *O Espelho imaginário. Pintura. Não-pintura. Anti-pintura*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2.^a, 1996.
- MENKE, Christoph -, *La soberanía del Arte. La experiencia estética según Adorno y Derrida*, Madrid, Visor, col. La balsa de la Medusa, 1997.
- NIETZSCHE, Friederich, *Para além do bem e do mal, Obras escolhidas*, vol. V, Lisboa, Relógio d'Água, 1999. Varia.
- NIETZSCHE, Friederich, *A Origem da Tragédia*, Lisboa, Guimarães Editores, 1990.
- ORTEGA Y GASSET, José -, *La desumanización del arte*, Madrid, Revista de Occidente en Alianza editorial, 12.^a, 1999.
- PESSOA, Fernando -, *Páginas de doutrina estética*, Lisboa, Editorial Inquérito, s-d. .
- SANCHÉZ, Domingo Hernández -, *La Ironía Estética. Estética Romántica y Arte Moderno*, Salamanca, Ediciones Universidad, 2002.
- SCHELING, Friedrich -, *Sobre el estudio de la poesía Griega*, com uma introd. de Reinhold MÜNSTER, Madrid, Akal, 1995.
- VOLPE , Galvano della -, *Historia del Gusto*, Madrid, Visor, col. La balsa de la Medusa, 1996.

DELIMITAÇÃO DE DUAS LINHAS PROGRAMÁTICAS

1. Estando, por específicas necessidades de configuração curricular, dispersa a disciplina científica de Estética pelos dois semestres que integram o V Ano da Licenciatura em Conservação e Restauro (a que correspondem, respectivamente, *Estética I* e *Estética II*), houve que programar a sua respectiva orientação temática, científica e bibliográfica, e a correspondente linha de actuação pedagógica e didáctica, em ordem a respeitar esse imperativo.

2. No plano programático, que agora se apresenta, atendeu-se ao facto de, no segundo semestre, apenas os Alunos do ramo de Arte Lusíada da Licenciatura terem acesso à disciplina, razão pela qual se pensou em estruturar dois programas distintos e autónomos, *não inteiramente sequenciais*, nem, por outro lado, *sobrepostos*, mas que fossem metodologicamente compatíveis. Pensou-se que a exigência desta articulação seria um dado prioritário para o estabelecimento de um sistema de reciprocidade entre os dois programas, sobretudo em termos dos enquadramentos teóricos e das necessárias entradas bibliográficas, de modo a tornar coerente o trabalho de consulta e pesquisa dos Discentes.

3. Deste modo, houve que tomar opções. Primeiro, criando uma *propedêutica* de Estética, que reflectisse sobre os seus diversos sentidos e municiasse os Discentes com algumas das bases da discussão filosófica e histórica do Gosto, cujas "categorias" e "campos" formam, no seu conjunto, uma das valências mais significativas e actuates do próprio conceito de "Estética". Estes desideratos ocupariam, como irão ocupar, grande parte dos trabalhos académicos do primeiro semestre e correspondem ao programa que agora se apresenta. Os Alunos deverão reflectir, adquirir e manusear um acervo de informação, de interesses e de *saberes*, que correspondam a uma "formação geral". Depois, no segundo semestre, trabalhando já com um núcleo de Alunos mais restrito, tratar-se-á de aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre algumas das mais significativas doutrinas estéticas. É o plano que se está a preparar - muito provavelmente privilegiará mais a participação dos Alunos, dado o carácter contínuo e sistemático dos trabalhos e, por consequência, será contemplado com instrumentos de avaliação adequados a esse tipo de trabalho formativo - e que será apresentado a seu tempo; esse programa corresponderá àquilo a que poderemos designar por "formação específica".

3.1. Esta a razão pela qual os conteúdos científicos inseridos em *Estética I* correspondem a uma iniciação à história crítica da Estética e a uma hermenêutica do Gosto, e os conteúdos correspondentes a *Estética II* fornecerão depois uma visão mais sistemática, tanto quanto possível coerente, das grandes Teorias e doutrinas estéticas, sobretudo decorrentes dos finais do século XIX até aos nossos dias.

3.2. Assim, tomando o conceito de Estética enquanto portador de uma substantiva *consciência do gosto* (do sublime, do irónico, do cómico, do prazer, do grotesco, do maravilhoso) ou *hermenêutica da sensibilidade* e da *corporalidade*, apresenta-se a Cadeira de *Estética I* num plano diacrónico, de modo a tornar perceptível, também, os fundamentos e alguns dos debates conceptuais mais relevantes que estes sistemas de configuração de ideias suscitam e têm suscitado.

4. Quem agora apresenta este plano tem a plena percepção de que é a prática e a experiência pedagógica que irão ditar, em grande parte, qual o nível de ajustamento do programa às necessidades formativas dos alunos, ao plano científico da Licenciatura e, em particular, às suas valências culturais. E em que medida se justificarão aprofundamentos ou incursões em territórios temáticos contíguos.

Parte-se do princípio de que *programar* é tentar criar em abstracto, em grande parte dos casos, um horizonte de expectativas. Um horizonte onde se colocam alguns marcos de referência. Mas nem o horizonte se fecha no prumo desses marcos nem neles se esgota; correlativamente também se parte do princípio de que *orientar pedagogicamente* de acordo com esse programa é detectar e despoletar as condições, no concreto terreno pedagógico, do espaço e do tempo (o *onde* e o *quando* de que falam os tratadistas de pedagogia), se cumprem essas expectativas e de que modo se cumprem ou verificam.

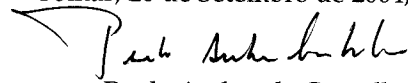
5. Com efeito, reduzir formação estética *apenas à descrição* de uma dada evolução espaço-temporal das doutrinas estéticas, seria correr o risco de despojar a Estética da sua função eminentemente interpelativa e hermenêutica, isto é, *compreensiva e crítica*. Por outro lado, esgotar todo um programa de dois semestres nesta mesma tarefa pareceu-nos, mais do que científica e pedagogicamente arriscado ou mesmo desajustado às necessidades culturais e científicas dos Alunos da Licenciatura, desenvolver um género de trabalho pleonástico (ainda que potencialmente inesgotável).

Optou-se assim, por uma solução de equilíbrio espelhada no compromisso que se procurou estabelecer entre os dois programas de *Estética I e II*. Ponderadas as linhas e os vectores científicos e culturais, espera-se que corresponda esta delimitação e planificação às expectativas dos diversos actores educativos.

6. Por isso, esta planificação do trabalho académico, mais do que razoavelmente se admite a qualquer outro programa (e dada, por maioria de razão, as condicionantes temporais da sua apertada gestação), afirma-se como um *programa meramente indiciador*. Se toda a programação teórica é essencialmente *projectiva* e *prospectiva* e se destina, portanto, a ser ultrapassada pela *praxis*, não é menor verdade que é a Aula e o seu movimento, *atravessado pelo real*, que condiciona todo o amontoado de "objectivos" que se lhe possam antecipadamente assacar. É por isso, talvez, que *em formação*, ensinava HANS-GEORG GADAMER (certamente lembrando-se do texto fundador de WERNER JAEGER, que também ele longamente reflectira sobre o *paradigma socrático* e o primeiro racionalismo dos Gregos), *não há mais objectivos que não sejam os de formação*.

Talvez queira isto dizer: por mais que, abstractamente, o Saber se afirme como um dado empírico e objectivo, muitas vezes, até, da ordem do quantificável, é a sua concreta *compreensão* - e a sua assimilação no sentido da *fabricação do humano* - que ousa mudar o estatuto inerte da mera reprodução de conhecimentos em interrogações vivas e úteis, isto é, em bases verdadeiramente produtivas e socialmente criativas.

Tomar, 20 de Setembro de 2004,



Paulo Archer de Carvalho